

Livro-obra como uma estratégia de formação: relato de uma experiência

Book-work as a formation strategy: report
to fan experience

Libro-trabajo como estrategia de
formación: relato de una experiencia

Michael Santos Silva¹

Vanessa Stollar²

Juliana Marcondes Bussolotti³

1 Atualmente é Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM e Orientador de Escola Pedagógico na Secretaria de Educação e Cidadania de São José dos Campos-SP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1637213270762508> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5138-9090> E-mail: michaelsjc.silva5@gmail.com.

2 Artista Visual, Pesquisadora e Professora do Instituto Federal de São Paulo, IFSP- Campus Jundiaí. Mestre em Artes pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7458735563202739> E-mail: stollare@gmail.com.

3 Professora assistente III da Universidade de Taubaté – UNITAU. Atualmente é Coordenadora do Mestrado Profissional em Educação da UNITAU. Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Vice-líder do grupo de pesquisa CNPQ Educação: desenvolvimento profissional, diversidades e metodologias coordenando o grupo de estudos Arte educação e criação no MPE/ UNITAU. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5232556966245150> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8560-0974> E-mail: julianabussolotti@gmail.com.

RESUMO

Este relato de experiência está centrado na análise de um episódio formativo acerca do processo de produção de um livro-obra como objeto de estudo durante a licenciatura em Artes Visuais. Propõe-se discutir sobre a ação de reflexão em relação à construção do conhecimento profissional docente. Do ponto de vista teórico, os estudos apoiam-se no método autobiográfico embasando a presente investigação a partir de Bueno (2002). Para realizar esta pesquisa, foi utilizada a narrativa de episódio formativo de um livro de artista construído para relatar a escolha profissional como estudante de licenciatura em Artes Visuais. A partir da análise apresentada, nota-se a relevância da subjetividade como modo de construção e de reconstrução de saberes. Destaca a importância de propostas e de ações formativas capazes de relacionar a teoria com a história de vida dos sujeitos-participantes.

PALAVRAS-CHAVE

Livro de Artista; Obra de Arte; Relato; Formação Inicial; Processo de Criação.

ABSTRACT

This experience report is centered on the analysis of a formative episode about the production process of a book-work as an object of study during the degree in Visual Arts. It is proposed to discuss the action of reflection in relation to the construction of professional teaching knowledge. From a theoretical point of view, the studies are based on the autobiographical method, basing the present investigation on Bueno (2002). To carry out this research, the narrative of a formative episode of an artist's book constructed to report the professional choice as a student of the degree in Visual Arts was used. Based on the analysis presented, the relevance of subjectivity as a way of constructing and reconstructing knowledge can be seen. It highlights the importance of proposals and training actions capable of relating the theory to the life history of the subject-participants.

KEY-WORDS

Artist's Book; Work of art; Report; Initial formation; Creation process.

RESUMEN

Este relato de experiencia se centra en el análisis de un episodio formativo sobre el proceso de producción de un libro-obra como objeto de estudio durante la carrera de Artes Visuales. Se propone discutir la acción de la reflexión en relación a la construcción del saber profesional docente. Desde un punto de vista teórico, los estudios se basan en el método autobiográfico, fundamentando la presente investigación en Bueno (2002). Para llevar a cabo esta investigación, se utilizó la narración de un episodio formativo de un libro de artista construido para relatar la elección profesional como estudiante de licenciatura en Artes Visuales. A partir del análisis presentado, se aprecia la relevancia de la subjetividad como forma de construcción y reconstrucción del conocimiento. Destaca la importancia de propuestas y acciones formativas capaces de relacionar la teoría con la historia de vida de los sujetos-participantes.

PALABRAS-CLAVE

Libro de artista; Obra de arte; Informe de experiencia; Formación inicial; Proceso de creación.

Introdução

O presente relato de experiência apresenta um episódio de formação ocorrido, durante a graduação em Artes Visuais (Licenciatura Plena), no período de 2012 a 2015. A narrativa que tece essa escrita descreve a experiência e relaciona-se com autores referenciais para a disciplina “Profissão Docente e Desenvolvimento Profissional”, do Programa de Mestrado Profissional em Educação, da Universidade de Taubaté – UNITAU, relatado na dissertação intitulada: “Linguagens da Arte e a docência: dilemas e complexidade da prática educativa” (SILVA, 2020).

Para a construção desse relato de formação, foi selecionada uma experiência ocorrida no decorrer da minha graduação em Arte Visuais, isto é, durante minha formação inicial, cuja etapa formativa é:

[...] incumbida de formar o professor no que diz respeito ao conhecimento específico da área em que se situa cada Licenciatura, bem como ao conhecimento pedagógico, no que tange à didática, à metodologia, ao currículo, às teorias de aprendizagem e do desenvolvimento, etc. (HELENO; ARAÚJO; ROMANOWSKI, 2013, p. 14809).

A afirmação amplia o significado ao relacionar com os apontamentos de Marcelo Garcia (2009b, p. 13):

Ser um bom professor pressupõe um longo processo. **Os candidatos que chegam às instituições de formação inicial de professores não são recipientes vazios.** Nas suas investigações, Lortie (1975) afirma que as milhares de horas de observação enquanto estudantes contribuem para a configuração de um sistema de crenças acerca do ensino, por parte dos aspirantes a professores, e, por outro lado, ajuda-os a interpretar as suas experiências na formação. Por vezes, estas crenças estão tão enraizadas que a formação inicial é incapaz de provocar uma transformação profunda nessas mesmas crenças (grifo nosso).

Apresento as opções metodológicas utilizadas para a construção deste relato de experiência, a conceituação do livro de artista, a descrição do processo de produção do livro-obra e as considerações desse episódio para o meu desenvolvimento profissional.

O Método Autobiográfico

Este relato de formação se utiliza do método autobiográfico, constituindo-se como uma escrita (narração, descrição) de um momento de formação, como o desígnio de refletir acerca da experiência profissional. A socióloga Middleton (1992) afirma que escrever a própria biografia equivale em parte a um “processo de desconstrução das práticas discursivas, por meio do qual a subjetividade tem sido constituída” (apud BUENO, 2002, p. 26).

O que Middleton destaca é o papel da subjetividade como modo de construção e de reconstrução de saberes, em que a reelaboração aponta quais são os momentos de maiores ressignificações dessa experiência e que, nas palavras de Bueno (2002), a descrição na própria história “prioriza o papel do sujeito na sua formação, o que quer dizer que a própria pessoa se forma mediante a apropriação de seu percurso de vida, ou do percurso de sua vida escolar” (BUENO, 2002, p. 22).

É um processo de interiorização e exteriorização capaz de caracterizar a subjetividade numa interligação entre:

[...] história social e a história individual não é, todavia, vista por ele como linear e nem constitui um determinismo mecânico, uma vez que o indivíduo é sujeito ativo nesse processo de apropriação do mundo social, traduzido em práticas que manifestam a sua subjetividade (BUENO, 2002, p. 19).

Construir relatos de formação autobiográficos fundamenta-se no “[...] o caráter formativo do método, uma vez que ao voltar-se para seu passado e reconstituir seu percurso de vida, o indivíduo exercita sua reflexão e é levado a uma tomada de consciência tanto no plano individual como no coletivo” (BUENO, 2002, p. 23). Este caráter formativo ocorre por meio da revalorização da experiência, sendo esta não só facilitadora para a construção do conhecimento, como também uma estratégia ‘de vir à luz’.

Nesse sentido, a experiência representa um elemento fundamental para a consolidação do processo formativo do professor, pois estabelece um diálogo com a história de vida e a prática profissional ao longo da formação. Assim, para Tardif e Raymond (2000, p. 235) ressaltam:

[...] um professor “não pensa somente com a cabeça”, mas “com a vida”, com o que foi, com o que viveu, com aquilo que acumulou em termos de experiência de vida, em termos de lastro de certezas. Em suma, ele pensa a partir de sua história de vida não somente intelectual, no sentido rigoroso do termo, mas também emocional, afetiva, pessoal e interpessoal.

O que Tardif e Raymond reiteram sobre a história de vida do professor como construção de sua identidade profissional, é o lugar da subjetividade no exercício profissional, visto que o docente é uma pessoa “[...] comprometida em e por sua história – pessoal, familiar, escolar, social – que lhe proporciona um lastro de certezas a partir das quais ele compreende e interpreta as novas situações” (2000, p. 235).

Este relato será relacionado com os autores Silveira (2001), Bueno (2002), Roldão (2007), Marcelo Garcia (2009a; 2009b), Salles (2009), Shulman L. e Shulman J. (2016), dentre outros expoentes da área, como ação de reflexão acerca da construção do conhecimento profissional docente, destacando-se as referências presentes nesta trajetória.

Livro-Obra

Desde o primeiro semestre da graduação em Artes Visuais, percebi a falta de uma frente em Arte Educação no curso, pois mesmo a graduação sendo de licenciatura, até o quinto período, o corpo docente era composto por professores artistas (bacharéis em Arte) ou professores com formação em Pedagogia.

No início de 2014, com a chegada de uma professora Mestre, o desalinhamento foi resolvido, uma vez que, ao contrário dos demais docentes, ela tinha licenciatura em Arte, somada à experiência de atuação na educação básica em escolas públicas e privadas. Esta professora foi aluna de Rejane Coutinho, uma das maiores pesquisadoras em Arte Educação nacional. No primeiro semestre de 2014, ministrou a disciplina “Ateliê I de Fotografia”, já que, além de arte educadora, atuava também como fotógrafa. Mas foi somente no segundo semestre que tive a oportunidade de encontrar o que tanto almejava.

A disciplina era “Planejamento e Ensino de Arte”, lembro-me da alegria ao saber que esta professora seria a responsável. No primeiro dia de aula, apresentou a sua proposta de trabalho mencionando os textos a serem lidos. Também foram apresentadas as propostas de atividades, entre elas a atividade final que consistia em uma apresentação, por meio de diferentes recursos e linguagens – *power point*, poesia, teatro, performance, desenhos, pinturas, música, dentre outras possibilidades – o porquê da escolha no curso de graduação em Artes Visuais. Essa apresentação como atividade seria a avaliação de conclusão da disciplina.

Mesmo não sabendo o que eu poderia fazer, sentia-me animado, tanto pela proposta avaliativa, como pelos textos apresentados. Enquanto meus colegas de classe flutuavam entre os recursos e as formas de como apresentar as suas escolhas pelo curso de Artes Visuais, eu me dedicava a ler os textos que tratavam sobre a história da Arte Educação, no Brasil, e já inseria essas novas referências à minha monografia.

A estratégia da professora, em ampliar os recursos de avaliação era direcionada a permitir uma aprendizagem mais rica, pois segundo Shulman L. e Shulman J. (2016, p.134):

O ensino e a aprendizagem eficazes dependem da provisão de recursos adequados, como tutoria, formação continuada, materiais curriculares e livros didáticos, instrumentos e modelos de avaliação, pessoal de apoio, computadores, espaço físico adequado.

Eu sabia muito bem por que tinha escolhido fazer faculdade de Artes Visuais. A escolha estava relacionada ao meu desejo de ser professor, à intenção de aprender mais sobre os procedimentos artísticos e do cotidiano escolar. Ao refletir como responder a proposição da professora, pensei em construir um livro de artista, pois lembrei-me do livro que a artista PitiuBomfin tinha construído e encaminhado para uma exposição em São Paulo. Pitiu, além de artista visual, era a curadora do Projeto Recriarte, no qual

realizei estágio de 2012 e 2013 e posteriormente tornei-me educador responsável pelo projeto, percurso este registrado em SILVA (2022).

A escolha pela realização do livro pretendia construir uma narrativa visual com as minhas principais referências artísticas, como pinturas, desenhos e fotos, possibilitando uma análise documental da minha história como estudante de arte. Perceber a relação entre arte e a minha história foi compreender a relação das minhas experiências ocorridas durante a infância e a adolescência, que interligam com a arte. Tal relação das vivências pessoais na infância com a arte foi percebida na pesquisa de Aquino (2022) como processo comum para muitos Arte Educadores.

Esse exercício de memória me possibilitou perceber minhas relações com a arte, desde a brincadeira de selecionar diferentes cores de terras, que realizei, na infância, com a minha irmã, da gama de tintas óleos utilizados no projeto Pintura em Tela, durante os 2 (dois) últimos anos do Ensino Fundamental, até as misturas de cores primárias para as descobertas das cores secundárias que aprendi no curso de pintura na Fundação Cultural Cassino Ricardo. Sob esse viés Tardif e Raymond discorrem:

[...] boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, **principalmente de sua socialização enquanto alunos. Os professores são trabalhadores que foram imersos em seu lugar de trabalho durante aproximadamente 16 anos (em torno de 15.000 horas), antes mesmo de começarem a trabalhar.** Essa imersão se expressa em toda uma bagagem de conhecimentos anteriores, de crenças, de representações e de certezas sobre a prática docente (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 216, grifo nosso).

Relatar a construção do livro de artista como episódio de formação se deu pela importância desta pesquisa visual para a construção da minha identidade como docente relacionando com os meus principais momentos de vivência com a arte da infância até a graduação.

Marcelo Garcia (2009a, p. 11), menciona que a identidade profissional é modo de definição enquanto profissional de si, “é uma construção do “si mesmo” profissional que evolui ao longo da carreira docente e que pode achar-se influenciado pela escola, pelas reformas e pelos contextos políticos”. Já especificamente sobre identidade docente, o autor também argumenta que:

É preciso entender o conceito de identidade docente como uma realidade que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente. A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve durante a vida. A identidade não é um atributo fixo para uma pessoa, e sim um fenômeno relacional. O desenvolvimento da identidade acontece no terreno do intersubjetivo e se caracteriza como um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo como pessoa dentro de um determinado contexto. (GRACIA, 2009a, p. 11).

Ao construir este relato deparei-me com os diferentes conceitos sobre o livro de

artista, sendo livro-arte, livro-objeto, obra-livro e livro-obra os mais presentes. É entre livro-obra e livro de artista que circunscreve este relato. O escritor e artista mexicano Ulises Carrión conceitua:

Eu preferi optar por “bookworks” [livros-obra], que os liberta da apropriação dos artistas, ao mesmo tempo que sublinha o livro como forma, como um trabalho autônomo. Pela mesma razão, eu utilizaria o termo “livro de artista” para todos os livros feitos por artistas, quaisquer que sejam, incluindo catálogos, biografias, etc. (CARRIÓN, *apud* SOUZA, 2009, p. 31).

Acrescento à definição acima o que Moeglin-Delcroix (*apud* SILVEIRA, 2001, p. 286-287) considera:

[...] o que me parece essencial ao livro de artista (e por isso tem esse nome) é que o artista exerce total responsabilidade sobre o livro, da concepção à realização e, às vezes, à divulgação. Ele tem o domínio total sobre tudo (mesmo que não o fabrique com suas próprias mãos) justamente porque **o livro é uma obra no sentido pleno do termo**, ou seja, é concebido de tal maneira que todos os aspectos do livro participam da significação. O livro não é aí um simples continente ou suporte para uma mensagem que seria independente dele, como é o caso dos livros de literatura ou dos livros em geral (grifo nosso).

O termo livro-obra, justifica-se neste relato por ser tratar de uma pesquisa visual de caráter unitário, sendo mais que uma ilustração de livro, mas sim a opção pela realização de livro-obra para relatar a minha escolha de graduar-se em Artes Visuais, pois segundo Barrio (*apud* BRITTO, 2009, p.148) livros-obras “[...] têm em si a quase totalidade da documentação”. O artista e professor Julio Plaza discorre sobre a produção de livros de livros-obras:

O “livro de artista” é criado como um objeto de design, visto que o autor se preocupa tanto com o “conteúdo” quanto com a forma e faz desta uma “forma-significante”. Enquanto o autor de textos tem uma atitude passiva em relação ao livro, o artista de livros tem uma atitude ativa, já que ele é responsável pelo processo total de produção, porque não cria na dicotomia “continente – conteúdo”, “significante – significado”. Esta atitude se reflete principalmente nos livros analógicos-sintético-ideogrâmicos, enquanto os livros de arte conceitual, documentária, seguem o modelo da língua verbal, adquirindo um caráter analítico-discursivo. (PLAZA, 1982, s/p).

Já a artista brasileira Edith Derdyk expõe suas considerações sobre o livro-objeto e suas demais definições:

Quando se trata de livro-objeto e suas modalidades, mais do que o assunto ou o tema da história a ser contada, **o foco poético se fixa justamente no modo de narrar**, que acontece tanto pelas articulações inéditas entre a palavra e a imagem quanto pela sua materialidade, a sequência das páginas, sua estrutura formal (DERDYK, 2012, p.167, grifo nosso).

É justamente nesse processo poético de narrar, que constitui o livro-obra, tendo como escopo o contar, o relatar, o expor, o descrever, o relacionar e recontar as minhas experiências com a arte, para assim, expressar a escolha de fazer graduação em Artes Visuais. Esse percurso poético constitui na possibilidade de saber mais sobre a natureza dos saberes docentes que, além de compósitas, são plurais, uma vez que emergem “no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser, ora diversificados, provenientes de fontes variadas, as quais podemos supor que sejam também de natureza diferente” (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 213). O referido percurso, descrevo no próximo tópico.

A produção do livro-obra ainda oportunizou um aprendizado para além da divisão presente entre a teoria e a prática. Roldão, sabiamente, alerta-nos acerca da necessidade de superar esta discussão entre qual é mais importante:

Não nos parece, pois, muito produtiva a eterna discussão acerca do peso relativo da teoria e da prática no exercício da função de ensinar – e na respectiva formação. Na perspectiva em que nos colocamos neste texto, a função de ensinar é socioprática sem dúvida, mas o saber que requer é intrinsecamente teorizador, compósito e interpretativo. Por isso mesmo, o saber profissional tem de ser construído – e refiro-me à formação – assente no princípio da teorização, prévia e posterior, tutorizada e discutida, da *ação profissional docente*, sua e observada noutros (ROLDÃO, 2007, p. 101).

Processo De Criação: Livro-Obra Como Narrativa

O livro-obra denominou-se “Percurso”, tendo capa e contracapa de papel paraná, coberto por linho azul marinho com tamanho de 15,5 cm x 22 cm, como é possível verificar na Figura 1:



Figura 1 - Capa e contracapa do Livro “Percurso”. Fonte: Arquivo pessoal (2019).

O livro é composto por sete blocos de 12 folhas cada, totalizando 84 folhas. Procurei construir por meio das temáticas: infância; lembranças de atividades realizadas; composição com reproduções de artistas na qual aprecio; professores de arte referências; lugares e espaços profissionais. Utilizei diferentes tipos de linhas e fios de costura para visualmente relacionar estes momentos.

Ao pensar em construir um livro de artista, idealizei realizar um livro-objeto composto por imagens a partir de desenhos, de pinturas e construir imagens com colagem também. Todavia, durante o processo de criação, percebi que, para construir um livro, seria necessário um mergulho, na minha história, para, assim, perceber as minhas referências de arte. Durante meses, tive um caderno para anotar as lembranças que aludiam à arte em minha vida.

Como já tinha realizado uma pesquisa sobre processo de criação no início da graduação, logo lembrei das considerações de Ostrower (2007) e Salles (2009) sobre criação. A lembrança me fez perceber que mais do que contar a minha história com a arte, estaria diante de um processo de criação artística que “mostra-se como um complexo de percurso de transformações múltiplas por meio do qual algo passa a existir” (SALLES, 2009, p. 31).

Para a feitura do livro-obra, num primeiro momento, fiz uma observação detalhada nos álbuns de fotografias familiares, e uma busca por desenhos e pinturas e até mesmo de cartas.

Sobre a infância, nessa busca, encontrei muitas fotos minhas de quando era bebê, algumas da formatura da Educação Infantil e uma apostila sobre o Sistema Solar. Desmontei essa apostila e inseri, no livro, como pode se observar na Figura 2.



Figura 2 – Registro do projeto “Sistema Solar” realizado no último ano da Educação Infantil. Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Por mais belo que foi encontrar essa apostila sobre o Sistema Solar, percebi que não poderia relatar as minhas relações de infância e a arte somente com essas

colagens. Então, como não tinha outros registros, optei por desenhar com meus primos num dia de domingo (Figura 3) para lembrar um pouco de meu próprio desenho. Essa vivência, além da possibilidade de observar a espontaneidade das crianças ao desenhar, ainda me levou a perceber mais sobre linhas, formas, cores e traços infantis.



Figura 3 – Desenhando com os primos. Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Outra estratégia que utilizei, diante do pouco material encontrado, foi solicitar desenhos e pinturas das professoras que se fizeram presentes no meu percurso de aprender arte. Ao inserir esses desenhos que recebi, contrapus com os grandes artistas de história da arte, como é possível ver na Figura 4:

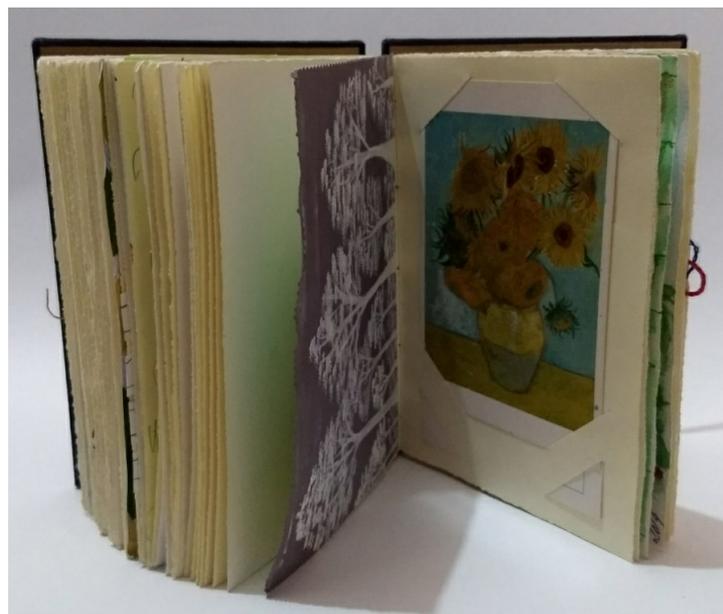


Figura 4 – Pintura da professora Cidinha Almeida e reprodução dos girassóis de Van Gogh. Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Essa busca ainda me fez lembrar das diversas lembrancinhas que realizei com uma amiga da minha tia, para a Catequese da igreja do bairro. Lembrei-me da minha terceira pintura em tinta óleo (Figura 5), produzida em 2007, que tinha dado a uma tia e resgatei trocando por uma outra obra. Infelizmente, não foi possível encontrar as minhas duas primeiras pinturas, pois me desfiz num momento de autocrítica durante a adolescência. Outra produção que felizmente guardei foi a minha primeira gravura, realizada numa oficina do Xilomóvel em 2011 ou 2012.

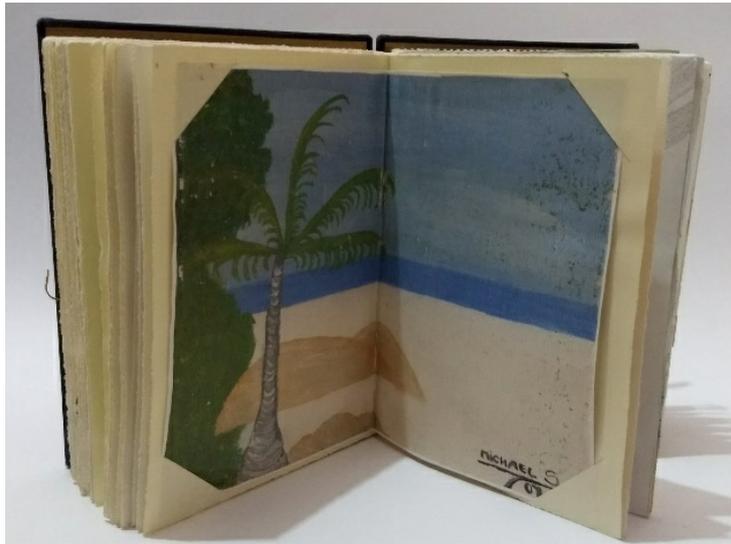


Figura 5 – Minha terceira pintura com tinta óleo. Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Tive uma grande oportunidade ao realizar essa busca documental foi encontrando cadernos antigos de arte, com os desenhos que eu acreditava serem os mais bonitos e, por isso, ainda os guardava. A Figura 6 mostra um deles:

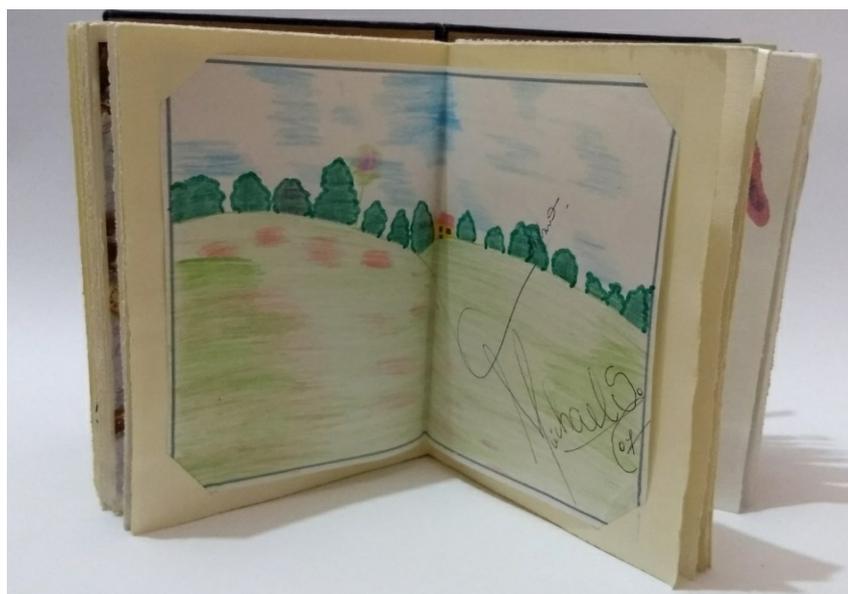


Figura 6 – Meus 'bons' desenhos. Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Esses cadernos me levaram a perceber que a minha admiração pelas paisagens era algo anterior à participação no projeto de Pintura em Tela realizado no turno oposto ao horário escolar, com a professora Cidinha Almeida. Lembrei-me das diversas vezes que coloquei folhas vegetais em cima de imagens para procurar as principais linhas de contornos, bem como o procedimento de *stencil*, realizado a partir das famosas 'toalhas da vovó' e de cortadores de papéis, como pode se notar na Figura 7.

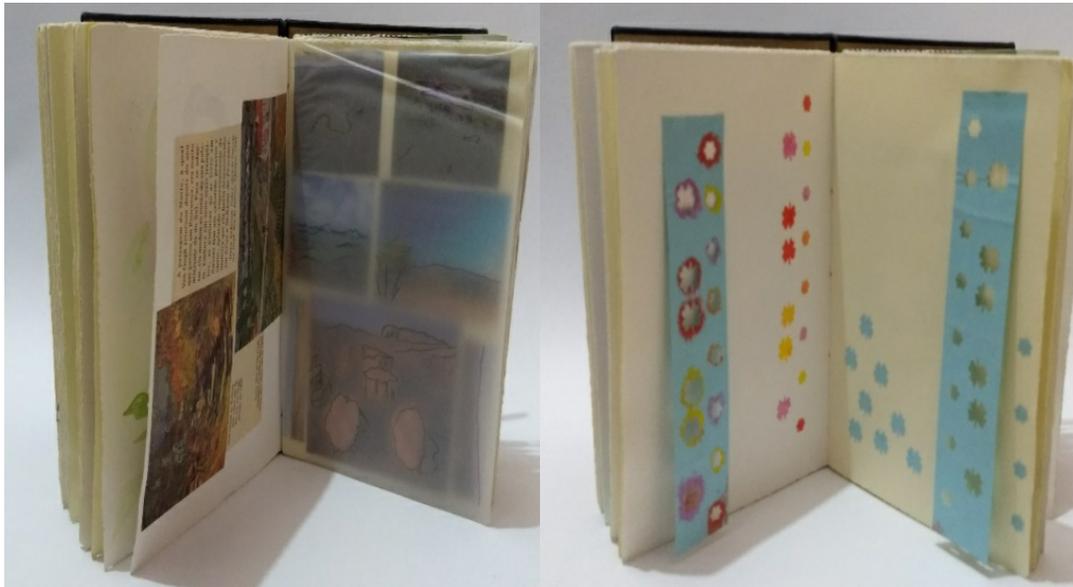


Figura 7 – Paisagens: procedimentos com folha vegetal e *stencil*. Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Para a pré-finalização do livro, optei por apresentar também registros de trabalhos realizados, já durante a graduação e expor os meus primeiros locais de atuação profissional.



Figura 8 – Produção: "O banhado além do cartão postal". Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Ao longo da construção deste livro, percebi as minhas principais influências para a escolha da minha graduação e, conseqüentemente, da minha profissão. Essa construção evocou subjetividades tecidas ao longo da minha vida que entoam no meu eu profissional. Nesse sentido, concordo com Garcia (2009b), ao afirmar que se trata de:

Uma construção do eu profissional, que evolui ao longo das suas carreiras. Que pode ser influenciado pela escola, pelas reformas e contextos políticos, e que integra o compromisso pessoal, a disponibilidade para aprender a ensinar, as crenças, os valores, o conhecimento sobre as matérias que ensinam e como as ensinam, as experiências passadas, assim como a própria vulnerabilidade profissional (GARCIA, 2009b, p. 7).

A produção desse livro não foi um processo de criação linear, mas, sim, um percurso de ir e vir, de reelaboração e ressignificação de minhas experiências que, em diálogo com outros saberes formativos construídos e em construção, constituem todo o processo. Assim:

O caminho não se compõe de pensamentos, conceitos, teorias, nem de emoções - embora resultado de tudo isso. Engloba antes uma série de experimentações e de vivências onde tudo se mistura e se integra e onde a cada decisão e a cada passo, a cada configuração que se delinea na mente ou no fazer, o indivíduo ao questionar-se, se afirma e se recolhe novamente das profundezas de seu ser. O caminho é um caminho de crescimento (OSTROWER, 2007, p.75-76).

A definição de pré-finalização deste livro-obra se dá diante do processo de criação, quando observei que as minhas memórias acerca da relação com a arte não se encerrariam apenas num livro. Por isso, optei por deixar algumas páginas em branco. Pode-se codificar o processo de criação do livro a partir do conceito de "coeficiente de arte", proposto pelo artista Marcel Duchamp (*apud* REY, 1996, p. 84) como a "distância entre a intenção do artista e a obra acabada".

Considerações

No decorrer deste relato foi possível perceber a subjetividade como modo de construção e de reconstrução de saberes, possibilitado pelo método autobiográfico.

O recurso utilizado para a análise de episódio formativo foi o livro-obra, a partir do que Britto (2009) conceitua. Esse livro-obra foi construído para relatar a minha escolha profissional durante a graduação em Artes Visuais, e utilizado para a avaliação da disciplina "Planejamento e Ensino de arte" em 2014. A partir da narrativa, observa-se a importância de propostas e de ações formativas proficientes em relacionar a teoria com a história de vida dos sujeitos. A constatação ampliou-se diante das leituras e da proposição da disciplina "Profissão Docente e Desenvolvimento Profissional" e

da escrita da dissertação (SILVA, 2020), no Programa de Mestrado Profissional em Educação, realizada pelo autor em 2019-2020.

A reflexão aqui exposta excede as definições livro-obra ou livro de artista, todavia, centra-se na relevância de uma pesquisa poética, proporcionando a expansão do saber sensível (SALLES, 2009). O processo de criação do livro-obra foi uma oportunidade para revisitar o meu acervo pessoal e, sobretudo, um momento para rememorar as lembranças para além do tempo cronológico, pois viver essa pesquisa visual foi reconstruir a minha história afetiva com o universo da arte (AQUINO, 2022).

Após cinco anos da construção do livro de artista, resultou na redação desse relato que me levou a compreender a notoriedade de propostas formativas capazes de propiciar a práxis, em uma relação intrínseca da prática e teoria, uma vez que somos o resultado de nossas experiências e de nossas escolhas. A exemplo, “a cor” em minha história e a bagagem experiencial anterior à minha formação, certamente foram o “start” para o professor que sou hoje. Escolher é eliminar possibilidades errôneas, sinto-me privilegiado por ter escolhido esse trilhar em uma carreira em que me encontro diante de uma ampla gama de oportunidades nesse caminhar que fiz até o presente momento.

Referências

AQUINO, Edilaine Isabel Ferreira. **O lugar da arte e seus processos no ensino e na vida de professores**. 2022. 165 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté. Disponível em <https://mpe.unitau.br/wp-content/uploads/dissertacoes/2022/Edilaine-Isabel-Ferreira-Aquino.pdf>. Acesso em 17 mar. 2023.

BRITTO, Ludmila de S. R. de. **A poética multimídia de Paulo Bruscky**. 2009. 220 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/9824>. Acesso em 06 jan. 2023.

BUENO, Belmira. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**. [online]. São Paulo: v. 28, n. 1, p. 11-30, jan.-jun. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 04 jan. 2023.

DERDYK, Edith. **A narrativa nos livros de artista**: por uma partitura coreográfica nas páginas de um livro. **Pós**: Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 164-173, mai. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15439>. Acesso 09 jan. 2023.

HELENO, Juliana C.; ARAÚJO, Denise de F.; ROMANOWSKI, Joana P. **Relato de experiência**: formação profissional docente. In: XI Congresso Nacional de Educação Educare. Curitiba/PR: PUCPR, 2013, p. 14805-14814.

MARCELO GARCIA, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. **Form. Doc.**, Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez. 2009a. Disponível em https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/29196/a_ident_docent_constant_desaf.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 02 jan. 2023.

MARCELO GARCIA, Carlos. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Sísifo: revista de ciências da educação** v. 8, p. 7–22, 2009b. Disponível em: <https://idus.us.es/xmlui/handle/11441/29247>. Acesso em: 03 jan. 2023.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PLAZA, Julio. **O livro como forma de arte (I)**. Arte em São Paulo. São Paulo, n.6, abr. 1982. [sem paginação]. Disponível em: http://www.mac.usp.br/mac/expos/2013/julio_plaza/pdfs/o_livro_como_forma_de_artel.pdf. Acesso 09 jan. 2023.

REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. Porto Arte, **Porto Alegre**, v. 7, n. 13, p.81-95, 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/27713>. Acesso em jan. 2023.

ROLDÃO, Maria do C. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 94-103, jan./abr., 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XPqzwwYZ7YxTjLVPJD5NWgp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 09 jan. 2023.

SALLES, Cecília A. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2009.

SHULMAN, Lee S.; SHULMAN, Judith H. Como e o que os professores aprendem: uma perspectiva em transformação. **Cadernos Cenpec | Nova série**, [S.l.], v. 6, n. 1, dec. 2016. ISSN 2237-9983. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/353/349>. Acesso em: 26 jun. 2019.

SILVA, Michael S. **Linguagens da Arte e a docência: dilemas e complexidades da prática educativa**, 2020, 188 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade de Taubaté, Taubaté/SP 2020. Disponível em: <https://mpe.unitau.br/banco-de-dissertacoes/>. Acesso 22. mar. 2023.

SILVA, Michael S. OLHARES: experiências em arte retratado pelas crianças. SILVEIRA, Isabel O.; SAKAMOTO, Cleusa K. **Educ_Ação em Debate: arte e educação, percursos e diálogos possíveis**. Vol 2. 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1w5KRHmLHqqVFcAEPEK5zVYj1KrlWu8/view>. Acesso 22. mar. 2023.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172849>. Acesso em 09 jan. 2023.

SOUZA, Márcia R. P. de. **O livro de artista como lugar tátil**. 2009, 217 f. Dissertação (Mestrado

em Artes Visuais) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/58760564-Marcia-regina-pereira-de-sousa-o-livro-de-artista-como-lugar-tatil.html> . Acesso em 09 jan. 2023.

TARDIF, Maurice.; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educ. Soc.** [online]. 2000, vol.21, n.73, pp.209-244. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf>. Acesso em 09 jan.

Submissão: 27/02/2023

Aprovação: 27/03/2023